

“CONHECIMENTOS E VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE ENFERMAGEM SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE”

Julia Machado da Silva¹ , Carolina Heleonora Pilger² , Jussara Mendes Lipinski³ , Lisie Alende Prates⁴ , Alinne de Lima Bonetti⁵ 

“NURSING STUDENTS' KNOWLEDGE AND EXPERIENCES OF GENDER AND SEXUALITY ISSUES”

“CONOCIMIENTOS Y EXPERIENCIAS DE LOS ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA SOBRE CUESTIONES DE GÉNERO Y SEXUALIDAD”

Resumo: A comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, outros grupos e variações (LGBTQI+) ainda vivencia situações de discriminação e preconceito. No processo de saúde e doença, essas situações podem ser capazes de afetar a busca pela assistência à saúde. Este estudo objetivou analisar os conhecimentos e as vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida com 15 estudantes de enfermagem de uma instituição de ensino superior, localizada na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, durante agosto e outubro de 2021. Os dados foram obtidos a partir de formulário eletrônico e submetidos à análise de conteúdo temática. Os estudantes sinalizaram a necessidade de maior aprofundamento teórico sobre as questões de gênero e sexualidade, considerando que esses temas são abordados de forma pontual no contexto familiar e universitário. Eles indicaram o desejo de fornecer um cuidado digno, respeitando os direitos sexuais e reprodutivos dos indivíduos. Conclui-se que são necessárias estratégias de ensino e aprendizagem no ambiente universitário e nos serviços de saúde, envolvendo as questões de gênero e sexualidade, a fim de ampliar o debate em diferentes segmentos, permitindo o respeito aos direitos sexuais e reprodutivos.

Palavras-Chave: Sexualidade; Construção Social do Gênero; Pessoas Transgênero; Ensino.

Abstract: The community of Lesbians, Gays, Bisexuals, Transsexuals, Transvestites, Queer, Intersex, Asexuals, other groups and variations (LGBTQI+) still experiences situations of discrimination and prejudice. In the process of health and illness, these situations can affect the search for health care. This study aimed to analyze nursing students' knowledge and experiences of gender and sexuality issues. This is a qualitative study carried out with 15 nursing students from a higher education institution located on the western border of Rio Grande do Sul, between August and October 2021. The data was collected using an electronic form and submitted to thematic content analysis. The students signaled the need for greater theoretical depth on issues of gender and sexuality, considering that these topics are addressed in a specific manner in the family and university context. They indicated a desire to provide dignified care while respecting individuals' sexual and reproductive rights. It is concluded that teaching and learning strategies are necessary in the university environment and in health services, involving issues of gender and sexuality, in order to expand the debate in different segments, allowing respect for sexual and reproductive rights.

Keywords: Sexuality; Social Construction of Gender; Transgender People; Teaching.

Resumen: La comunidad de Lesbianas, Gays, Bisexuales, Transexuales, Travestis, Queer, Intersex, Asexuales, otros grupos y variantes (LGBTQI+) aún vive situaciones de discriminación y prejuicios. En el proceso de salud y enfermedad, estas situaciones pueden afectar a la búsqueda de atención sanitaria. Este estudio tuvo como objetivo analizar los conocimientos y las experiencias de los estudiantes de enfermería sobre cuestiones de género y sexualidad. Se trata de un estudio cualitativo realizado con 15 estudiantes de enfermería de una institución de enseñanza superior ubicada en la frontera oeste de Rio Grande do Sul, entre agosto y octubre de 2021. Los datos fueron recolectados por medio de formulario electrónico y sometidos a análisis temático de contenido. Los estudiantes señalaron la necesidad de una mayor profundidad teórica sobre las cuestiones de género y sexualidad, considerando que estos temas son abordados de manera específica en el contexto familiar y universitario. Indicaron el deseo de brindar una atención digna respetando



¹Enfermeira. Residente em Atenção Básica pela ESP-RS, Porto Alegre/RS, Brasil, juliamachadosilva49@gmail.com

²Enfermeira. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil, carolinapilger@gmail.com

³Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora aposentada da UNIPAMPA, Uruguai/RS, Brasil, jussaralipinski@gmail.com

⁴Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da UNIPAMPA, Uruguai/RS, Brasil, lisieprates@unipampa.edu.br

⁵Antropóloga. Doutora em Ciências Sociais. Professora Adjunta da UFSC, Florianópolis/SC, Brasil, alinne.bonetti@gmail.com

los derechos sexuales y reproductivos de las personas. Se concluye que son necesarias estrategias de enseñanza y aprendizaje en el ámbito universitario y en los servicios de salud, involucrando cuestiones de género y sexualidad, para ampliar el debate en diferentes segmentos, permitiendo el respeto de los derechos sexuales y reproductivos.

Palabras clave: Sexualidad; Construcción Social de Género; Personas Transgénero; Enseñanza.

Introdução

No Brasil, as políticas públicas avançaram no combate à discriminação e exclusão da população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo, Assexuais, outros grupos e variações), reivindicando por mais equidade no Sistema Único de Saúde (SUS) (Bezerra *et al.*, 2019; Brasil, 2013). A equidade consiste em um dos princípios do SUS e relaciona-se diretamente com a igualdade e a justiça social (Santos, 2020).

Logo, a luta por equidade envolve o respeito às necessidades, diversidades e especificidades, reconhecendo os determinantes sociais e as condições de vida, que envolvem habitação, trabalho, renda, acesso à educação, lazer, entre outros aspectos capazes de impactar diretamente na saúde das pessoas (Mello *et al.*, 2011). Sob essa perspectiva, os cuidados à saúde da população LGBTQIA+ ultrapassam o processo de transição de gênero, envolvendo, também, questões emocionais, físicas e sociais. Assim, é fundamental discutir sobre a saúde dessas pessoas, correlacionando os agravos de saúde às condições de vida e determinantes sociais, que influenciam no processo saúde-doença (Monteiro; Brigeiro, 2019; Brasil, 2013).

Historicamente, estas pessoas vivenciam situações de preconceito, violência e discriminação em diferentes contextos sociais, inclusive nas instituições de saúde. Entende-se que essas situações podem desencadear o abandono de processos terapêuticos em andamento e, muitas vezes, a resistência em buscar pela assistência à saúde. Tal situação ainda releva a necessidade de mudanças nas práticas do cuidado em saúde e na própria formação dos profissionais de saúde (Rocon *et al.*, 2020; Prado; Sousa, 2017).

Estudo aponta que os profissionais não têm conhecimento acerca das políticas e leis específicas da população LGBTQIA+, o que pode afetar no acolhimento e na assistência em saúde (Lovison *et al.*, 2019). Assim, enfatiza-se o papel dos profissionais de saúde, em especial os enfermeiros pela sua proximidade com a população, sendo referência do primeiro ao último contato em serviços hospitalares e ambulatoriais. Logo, reconhece-se a necessidade destes profissionais estarem preparados para oferecer um cuidado integral, respeitando a diversidade social e sexual (Santos; Silva; Ferreira, 2019, Rosa *et al.*, 2019).

Nessa direção, enfatiza-se que a Resolução nº 573, de 31 de janeiro de 2018, que aprova o Parecer Técnico nº 28/2018 contendo recomendações do Conselho Nacional de Saúde à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Enfermagem, elenca diversos temas que devem ser trabalhados transversalmente ao longo do curso. Dentre estes, a educação para as relações de gênero e de identidade de gênero. No mesmo documento, é reforçado que um dos princípios da formação do bacharel em enfermagem envolve a integralidade da atenção à saúde do ser humano, considerando-se as particularidades ambientais, atitudinais, sociais (classe social, geração, raça/cor, etnia, gênero, orientação sexual, identidade de gênero), políticas, econômicas e culturais, individuais e coletivas (Brasil, 2018).

Pesquisa documental desenvolvida em instituições de ensino, que ofertam os cursos de saúde coletiva, no período de 2019/2020, constatou que a inserção das questões de gênero e sexualidade no currículo ainda apresenta espaço limitado no processo de formação (Silva, Rasera, 2024). Assim, o estudo em tela se justifica pela possibilidade de visualizar, a partir da ótica de estudantes de enfermagem, como vem se dando a incorporação do debate sobre as questões de gênero e sexualidade ao longo da graduação.

Desse modo, a questão de pesquisa que guiou o estudo foi: quais são os conhecimentos e as vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade? Com isso, teve-se como objetivo analisar os conhecimentos e as vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade.

Método

Pesquisa qualitativa, desenvolvida em ambiente eletrônico/*online*, com estudantes do curso de Enfermagem de uma instituição de ensino superior no Rio Grande do Sul. Os critérios de seleção foram estar matriculado no 9º ou 10º semestres do curso, no período da coleta de dados. Esse critério foi definido por entender que, por estarem mais próximos do término do curso de graduação, estes estudantes poderiam ter participado de um maior número de componentes curriculares e vivências ligadas às questões de gênero e sexualidade.

Durante os meses de agosto a outubro de 2021, todos os 44 discentes que estavam cursando esses semestres foram convidado(a)s a participar do estudo. Não houve abordagem direta aos participantes, pois a pesquisa foi divulgada pelas redes sociais (*Instagram*® e *Facebook*®) de perfis vinculados ao Curso, Diretório Acadêmico e um Grupo de Pesquisa, como também pelos aplicativos de mensagens (*Whatsapp*® e *Telegram*®) da equipe de pesquisa. Os administradores desses perfis divulgaram o convite e o *link* do formulário de pesquisa.

Ao acessar o *link* do formulário, por meio da ferramenta *Google Forms*, os estudantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que também estava disponível para *download*. Nos casos de recusa, o formulário foi encerrado. Para os estudantes que manifestaram o desejo de participar da pesquisa, o formulário permitiu acesso a outra seção, a qual foi dividida em três partes: 1) informações sociodemográficas; 2) informações sobre a oferta e a participação em atividades acadêmicas ligadas às questões de gênero e sexualidade e 3) conhecimentos e percepções sobre a saúde da população trans.

Em se tratando das informações sociodemográficas, considerou-se o semestre, a cor/etnia, o gênero, a identidade de gênero, a orientação sexual e o estado civil. Na segunda etapa, encontravam-se os seguintes questionamentos: Ao longo da sua formação acadêmica, quais atividades você participou que abordavam as questões de gênero e sexualidade? (Cite as atividades, quando foram ofertadas e quem as ofertou); O que você achou dessas atividades? Você considera que as questões de gênero e sexualidade são abordadas durante a formação acadêmica em enfermagem? Por quê? Você se sente confortável para falar sobre questões de gênero e sexualidade com a população/pacientes/usuários? Por quê? Você se sente confortável para falar sobre questões de gênero e sexualidade com seus amigos? Por quê? Você se sente confortável para falar sobre questões de gênero e sexualidade com a sua família? Por quê? Você tem alguma dúvida sobre as questões de gênero e sexualidade? Quais? Você tem sugestões de atividades ou temáticas, relacionadas com as questões de gênero e sexualidade, que poderiam/deveriam ser trabalhadas durante a formação acadêmica? Quais? Por quê?

Na última etapa, as questões foram: O que você sabe e/ou já ouviu falar sobre transexualidade? Você já atendeu uma pessoa trans? Como foi esse atendimento? Você se sente confortável para atender uma pessoa trans? Durante a sua formação acadêmica, você participou de alguma atividade envolvendo a saúde das pessoas trans? (Cite as atividades, quando foram ofertadas e quem as ofertou) O que você achou dessa atividade? Caso não tenha participado de nenhuma atividade envolvendo a saúde das pessoas trans, você considera que deveria ter sido ofertada alguma atividade sobre a temática? Por quê? Você conhece alguma pessoa trans? Você considera que ela apresenta alguma diferença das demais pessoas? Quais? Por quê? Na sua opinião, quais são as necessidades de cuidado e de saúde de pessoas trans? Por quê? Você tem alguma dúvida sobre as pessoas trans? Qual(is)?

Ao final do semestre letivo, o formulário foi encerrado e as respostas foram transferidas para um arquivo do *Microsoft Excel* para análise de conteúdo temática (Minayo, 2014), abrangendo três etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Iniciou-se com a organização das respostas disponíveis no arquivo do *Microsoft Excel*. Após, realizou-se a exploração do material, considerando as semelhanças e discrepâncias nas respostas dos participantes. Nesse processo, foram utilizadas as ferramentas de realce com diferentes cores, o que permitiu a classificação dos dados e a identificação de duas categorias temáticas: “*Sexualidade é um assunto que precisa ser falado*”: conhecimentos de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade, e “*É aquela pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico*”: conhecimentos de estudantes de enfermagem

sobre transexualidade. Na sequência, os dados foram interpretados sob o aporte teórico dos referenciais da área.

O projeto de pesquisa seguiu as normas e diretrizes contidas na Resolução nº 466/12 e teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, em 19 de agosto de 2021, com CAAE 50527621.3.0000.5323. Na primeira etapa do formulário eletrônico, os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que também poderia ser arquivado e continha a assinatura da pesquisadora responsável. Para garantir o anonimato, os estudantes foram identificados com a letra P, seguida de numeral.

Resultados

A pesquisa contou com a participação de 15 estudantes do curso de enfermagem. Dentre os estudantes, a maioria (93,33%, n=14) estava matriculado(a) no 9º semestre. Também verificou-se que 86,67% (n= 13) autodeclararam-se branco(a)s, 86,67% (n= 13) do gênero feminino, 80,00% (n=12) cisgênero, 86,67% (n= 13) heterossexuais e 46,67% (n=7) solteiro(a)s.

“Sexualidade é um assunto que precisa ser falado”: conhecimentos de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade

Segundo os participantes, na formação acadêmica, as questões de gênero e sexualidade foram abordadas pontualmente em alguns componentes curriculares ou em projetos. Alguns destacaram que não há aprofundamento sobre a temática. Outros sinalizaram que a abordagem, mesmo que pontual, permitiu melhor compreensão.

Esse tema foi abordado raras vezes [...] em algumas aulas de saúde da mulher e de antropologia e foram atividades muito pontuais (P14).

Os temas foram abordados e foi onde eu pude aprender muito sobre essas temáticas, durante as disciplinas de Saúde Mental 2, Saúde, Sexualidade e Gênero e Saúde da Mulher (P5).

Não considero que foram abordadas. Acredito que poderiam ser mais trabalhadas, como, por exemplo, poderíamos ter saúde da pessoa trans (P13).

Tivemos uma oficina realizada pela professora de Antropologia, no início da graduação [...]. Foi muito interessante poder ter um olhar sobre a perspectiva do todo (P8).

Foi trabalhado poucas vezes. Essas temáticas apareceram no PET [Programa de Educação Tutorial] e no componente complementar de Saúde, Sexualidade e Gênero e foi muito produtivo e necessário. Vejo que há um crescimento nas abordagens, mas não o suficiente (P10).

Diante disso, eles sinalizaram dúvidas sobre as questões de gênero e sexualidade. Também sugeriram atividades que poderiam ser trabalhadas durante a formação acadêmica.

Uma sugestão são consultas de enfermagem para a população LGBTQIA+ (P1).

Tenho dúvidas sobre as nomenclaturas para cada gênero, não sei a diferença de cada nome. Minha sugestão é explicar a diferença e como abordar esses pacientes com ética e respeito (P6).

Confesso que tenho muito o que aprender, pois tem muita temática e bandeiras que foram hasteadas há pouco tempo e são necessárias capacitações [...] para ensinar e orientar as pessoas no tratamento e no diálogo [...] acho que deveria ter uma cadeira específica aos cuidados e abordagens com os LGBTQI+ (P10).

Sempre pergunto como a pessoa gostaria de ser chamada, mas não tenho muito domínio do assunto [...] acredito que deveríamos abordar essa questão de identidade de gênero desde do início da graduação, pois agora no estágio supervisionado, temos um contato mais profundo com a população e sinto que faltou muito na graduação (P13).

As questões de gênero e sexualidade perpassaram também as relações interpessoais dos estudantes com os pacientes, amigos e familiares. Nesse sentido, a maioria (n=10) dos participantes se sentia confortável para abordar a temática.

Penso ser um assunto importante e delicado que precisa de um olhar amplo (P6).

A sexualidade é um assunto que precisa ser falado, quanto mais a gente falar, menos tabu será (P8).

Ainda há muito tabu entre a população. Por isso, deve-se falar mais a fim de normalizar os assuntos abordados (P15).

Não me sinto confortável, apesar de ser de uma geração que deveria entender sobre isso. Não me sinto capacitado para atender os pacientes que são de outros gêneros e sexualidade (P11).

Os participantes relataram que se sentiam confortáveis para falar sobre as questões de gênero e sexualidade com os amigos. Segundo eles, nestas relações, o diálogo era impessoal e livre de julgamentos.

Tem mais liberdade no ambiente, onde não é apenas discussão sobre quem é certo ou não, mas com pessoas que sabem ouvir e conversar (P2).

Com meus amigos, é algo mais descontraído e livre de julgamentos (P14).

Em contrapartida, no contexto familiar, nem todos se sentiam confortáveis para abordar o tema. Dez participantes afirmaram que conversavam a respeito do tema com os familiares.

Eu me sinto confortável, mas acho que meus pais não se sentem, mas não me impede de falar (P8).

Esse assunto sempre gera debate, principalmente quando envolve as gerações que foram educadas de forma mais rígida e preconceituosa, mas consigo conversar sem grandes problemas (P9).

Depende do familiar, se for alguém mais próximo sim (P14).

Não consigo falar por conta da cultura e mentalidade muito fechada em relação ao assunto (P2).

Não me sinto confortável, não há muita abertura para isso (P15).

Entre as justificativas para a ausência de debate sobre o tema está a perpetuação do silêncio e de situações de preconceito de forma intergeracional. Tais aspectos parecem dificultar o diálogo entre pais e filhos.

“É aquela pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico”: conhecimentos de estudantes de enfermagem sobre transexualidade

Seis dos quinze participantes definiram transexual como uma pessoa que não se identifica com o gênero determinado ao nascimento. Os demais forneceram definições diferentes.

Transexual é o indivíduo que não se identifica com seu gênero de nascimento (P9).

É aquela pessoa que não se identifica com o seu sexo biológico e, por isso, submete-se a abordagens terapêuticas e cirúrgicas para a mudança no sexo (P4).

Já ouvi falar que é quando a pessoa troca de sexo cirurgicamente (P6).

São pessoas que nascem em um corpo que não se identificam quanto à sexualidade, órgão genital (P10).

Quatro estudantes manifestaram dúvidas sobre transexualidade. De forma geral, eles indicaram o desejo de fornecer informações aos usuários e prestar cuidados ligados à sexualidade e à saúde reprodutiva.

Gostaria de saber mais sobre o assunto, não tenho muitos conhecimentos (P10).

Eu tenho muitas dúvidas [...] o que eu posso fazer para prestar um atendimento de qualidade em que a pessoa sinta se confortável para procurar o serviço? (P13).

Tenho dúvidas sobre como dar informações sobre sexualidade e saúde reprodutiva (P15).

Tenho dúvidas sobre como cuidar da saúde sexual (P6).

Dez estudantes nunca atenderam pessoas transexuais e quatorze deles afirmaram que se sentiam confortáveis para atendê-las. Os estudantes que tiveram contato com esses usuários, mencionaram que eles apresentavam demandas comuns e que o atendimento transcorreu de forma tranquila.

Já atendi pessoas transexuais. Esse atendimento ocorreu de forma tranquila. Porém, percebe-se que tanto usuários do serviço quanto trabalhadores dispensam olhares de estranheza, para não dizer reprovação (P9).

Não sei se ela era transgênero, mas atendi uma pessoa do gênero masculino, que se vestia como mulher. O atendimento foi normal como qualquer outra pessoa (P14).

Eles listaram ações de saúde para a população transexual. Entre elas, o tratamento hormonal e cirúrgico, cuidados ligados aos hábitos de vida, alimentação, questões físicas, emocionais ou psicológicas. Também foi citada a falta de preparo dos profissionais de saúde para o atendimento às pessoas trans, a importância de respeitar o nome social e cuidados com a saúde mental.

Um cuidado com a população trans é com o tratamento hormonal e cirúrgico. Também devemos atentar para os hábitos de vida, alimentação e emocional (P4).

Todos os cuidados relacionados à saúde física e psicológica, pois é uma pessoa como qualquer outra (P6).

Muitas pessoas deixam de procurar o serviço, porque os profissionais não estão preparados para o atendimento. Ela deve ser chamada pelo nome que escolheu e esclarecer dúvidas (P13).

Penso que muitos seriam os benefícios de atendimentos de saúde mental, para que pudessem trabalhar seus medos e enfrentar os desafios de uma sociedade preconceituosa (P9).

Os participantes demonstraram interesse em aprender formas de aprimorar o cuidado de enfermagem à população transexual. Eles também manifestaram percepções livres de julgamento e preconceito sobre esse público.

Discussão

As interpretações sobre gênero e sexualidade podem estar relacionadas com as experiências vividas na infância e adolescência. Na escola, por exemplo, essa temática, muitas vezes, é pouco explorada, gerando visão limitada aos indivíduos (Silva *et al.*, 2019). A mesma realidade é percebida no contexto domiciliar, no qual esses assuntos são considerados tabus entre pais e filhos (Lima *et al.*, 2023), conforme evidenciado nos depoimentos dos participantes.

Com isso, as discussões sobre gênero e sexualidade, muitas vezes, restringem-se aos círculos de amigos. Diante do compartilhamento de interesses, preferências, esperanças e medos, os jovens reconhecem relações de suporte e de partilha de vivências e opiniões, podendo dialogar com liberdade e sem discriminação (Lima *et al.*, 2023; Angelo *et al.*, 2021; Koren, 2019). No estudo em tela, os participantes sinalizaram que se sentiam confortáveis para falar com os amigos, pois entre eles, o diálogo é impessoal e sem julgamentos.

Contudo, na ausência desses relacionamentos, pondera-se que os indivíduos podem permanecer com dúvidas, capazes de impactar negativamente na sua visão de mundo e em suas próprias vivências. Essas incertezas podem permanecer ao longo da trajetória de vida, mesmo para aqueles que ingressam em ambiente universitário, conforme apontaram alguns participantes.

No cenário universitário, mais especificamente na área da Enfermagem, as questões de gênero e sexualidade costumam ser tratadas com caráter de eventualidade, aparecendo em componentes complementares do curso ou no ensino de técnicas isoladas (Nogueira *et al.*, 2021). Esse achado se coaduna com os resultados da presente pesquisa, na qual os participantes consideraram que, na formação acadêmica, o tema é abordado pontualmente, dificultando o aprofundamento teórico e crítico.

Não obstante, observa-se que os serviços de saúde também mantêm barreiras associadas ao debate da temática, dificultando a troca de conhecimentos (Silva *et al.*, 2019). A abordagem de gênero e sexualidade restringe-se ao modelo tradicional, assistencialista e normativo, deixando estudantes e profissionais da saúde sem uma abordagem crítica sobre o assunto (Lima *et al.*, 2023; Ferreira *et al.*, 2019). Entretanto, compreende-se que a sexualidade precisa ser abordada como fenômeno inerente ao ser humano, livre de preconceitos e tabus (Nogueira *et al.*, 2021). Nesse sentido, acredita-se que o debate sobre essas questões precisa ocorrer na formação acadêmica e nas ações de educação permanente (Rosa *et al.*, 2019).

No estudo em tela, ainda se constatou que, frente à dificuldade em abordar abertamente sobre gênero e sexualidade em diferentes situações do cotidiano e da vida profissional, as terminologias e nomenclaturas ligadas ao tema podem gerar dúvidas. Nesse sentido, alguns acadêmicos sinalizaram conhecimento sobre o termo transexualidade. Outros manifestaram o desejo de maior aprofundamento sobre saúde sexual e reprodutiva.

Estudo realizado com estudantes de enfermagem e medicina buscou entender as representações destes sobre a transexualidade e os resultados demonstraram que eles compreendem as transições ligadas ao gênero expresso para as pessoas transexuais. Contudo, eles não reconheciam a dimensão da problemática em torno das variações e diversidade da sexualidade humana (Queiroz *et al.*, 2023). No estudo de Pina-Oliveira *et al.* (2021), os estudantes da área de saúde indicaram que não se sentiam preparados para prestar cuidado à comunidade LGBTQIA+, pois não possuíam aprofundamento teórico para promover um cuidado integral para essa população.

Esses achados sinalizam as fragilidades na formação de enfermeiros sobre as questões de sexualidade, principalmente no que se refere à comunidade transexual. Considera-se que, a partir do reconhecimento da universalidade dos direitos sexuais e reprodutivos, é possível qualificar as propostas de políticas públicas que contemplem as especificidades dos vários segmentos da população, incluindo a comunidade transexual. Nesse contexto, o enfermeiro desempenha importante papel por sua proximidade com a população e desenvolvimento de ações de promoção e educação em saúde (Gomes *et al.*, 2018; Gonçalves; Lustosa, 2019).

A população transexual apresenta vulnerabilidade expressiva, decorrente de vários fatores, como quebras de vínculo familiar, altas taxas de desemprego, uso de drogas ilícitas e álcool, ausência de acolhimento nos serviços de saúde. Para mudar esse cenário, é preciso promover o acesso aos serviços de saúde e oferecer ações que garantam a resolutividade de suas demandas, o que exige aprofundamento teórico-prático do profissional para o atendimento dessa população (Oliveira *et al.*, 2018; Silva *et al.*, 2018; Duarte *et al.*, 2020).

Considerações finais

O estudo possibilitou analisar os conhecimentos e as vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade. Percebe-se que os participantes apresentam conhecimentos construídos a partir das trocas de saberes e relações estabelecidas, principalmente, com amigos. Nos contextos familiar, universitário e de saúde, as questões relativas à saúde sexual e reprodutiva ainda representam assuntos pouco abordados, considerados tabus e com pouca abertura para o diálogo.

Pondera-se que a inclusão de estudantes dos semestres finais de graduação pode representar uma limitação do estudo, visto que estudantes de outros semestres poderiam apresentar conhecimentos e vivências diferentes das evidenciadas nesse estudo. Contudo, considerou-se que a proximidade do término da graduação, poderia permitir uma maior variedade de conhecimentos e vivências entre os estudantes. Além disso, considera-se que o desenvolvimento do estudo em meio eletrônico também pode representar um aspecto limitador, considerando o quantitativo de participantes e a impossibilidade de aprofundar alguns questionamentos nesse formato.

O estudo permitiu observar que os estudantes reconhecem as necessidades da população transexual e a necessidade de maior aprofundamento teórico para fornecer um cuidado digno e respeitoso para esse grupo. Eles se mostraram interessados em aprender mais sobre o tema, o que reforça a importância de

considerar que as questões de gênero e sexualidade devem ser abordadas no curso de enfermagem, de maneira transversal nos diferentes componentes curriculares, o que permitiria a abordagem crítica e reflexiva dos temas.

Logo, compreende-se a necessidade de novos estudos, a partir de diferentes abordagens metodológicas, visando analisar os conhecimentos e as vivências de estudantes de diferentes semestres e cursos de graduação na área da saúde. Ainda são necessários estudos envolvendo os docentes, a fim de identificar como estes vêm incorporando as questões de gênero e sexualidade nos seus componentes curriculares e, transversalmente, nos cursos de graduação.

Referências

- ANGELO, L.K.G., et al. Influência familiar e de outras fontes de informações na construção dos conhecimentos dos adolescentes acerca da sexualidade. *Brazilian Journal of Development*, v.7, n.2, p.20433–20444, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25367>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- BEZERRA, M.V.R, et al. Política de saúde LGBT e sua invisibilidade nas publicações em saúde coletiva. *Saúde em Debate*, v.43, n.9, p.305-323, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S822>. Acesso em: 13 mai. 2023.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 573, de 31 de janeiro de 2018. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/48743098/do1-2018-11-06-resolucao-573-de-31-de-janeiro-de-2018-48742847. Acesso em 10 mar. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.pdf. Acesso em: 20 mai. 2023.
- DUARTE, D.D., et al. A perspectiva do enfermeiro no cuidado diante da pessoa trans. *Research, Society and Development*, v.9, n.4, e61942845, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i4.2845>. Acesso em: 24 abr. 2023.
- FERREIRA, E.A. et al. Sexualidade na Percepção de Adolescentes Estudantes da Rede Pública de Ensino: Contribuição para o Cuidado. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v.11, n.5, p.1207–1212, 2019. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/7403>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- GONÇALVES, J.R.; LUSTOSA, G.R. Análise do conhecimento de enfermeiros relacionado à assistência à população LGBT. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v.2, n.5, p. 226–239, 2019. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/314>. Acesso em: 18 jun. 2023.
- GOMES, R., et al. Gênero, direitos sexuais e suas implicações na saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.23, n.6, p.1997–2006, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018236.04872018>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- KOREN, A. Reproductive health for teens: parents want in too. *Journal of Sex Marital Therapy*, v.45, n.5, p.406–413, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/0092623X.2018.1549635>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- LIMA, L.V. et al. Educação sexual com adolescentes no contexto familiar à luz da (anti)dialogicidade freireana. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 27, e220651, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.220651>. Acesso em 25 dez. 2023.

LOVISON, R., *et al.* Travestis e transexuais: despindo as percepções acerca do acesso e assistência em saúde. *Enfermagem em Foco*, v.10, n.5, p.167-172, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2019.v10.n5.2370>. Acesso em: 17 abr. 2023.

MELLO, L. *et al.* Políticas de saúde para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no Brasil: em busca de universalidade, integralidade e equidade. *Sexualidad, Salud Y Sociedad*, v. 9, p. 7–28, 2011.

<https://doi.org/10.1590/S1984-64872011000400002>. Acesso em: 10 mai. 2024.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec; 2014. 604p.

MONTEIRO, S., BRIGEIRO, M. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. *Cadernos de Saúde Pública*, v.35, e00111318, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00111318>. Acesso em: 21 abr. 2023.

NOGUEIRA, I.C. *et al.* O debate de gênero como desafio na formação de enfermeiras e enfermeiros. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.74, n.5, p. e20201001, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1001>. Acesso em: 25 jan. 2023.

OLIVEIRA, G.S., *et al.* Serviços de saúde para lésbicas, gays, bissexuais e travestis/transexuais. *Revista de Enfermagem UFPE on line*, v.12, n.10, p.2598-2609, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i10a237014p2598-2609-2018>. Acesso em: 13 abr. 2023.

PINA-OLIVEIRA, A.A., *et al.* Perspectivas de graduandos em saúde sobre a temática minorias sexuais e de gênero na formação. *Enfermagem em Foco*, v.12, n.5, p.1017-1025, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n5.4675>. Acesso em: 16 jun. 2023.

PRADO, E. A. J.; SOUSA, M. F. Políticas públicas e a saúde da população LGBT: uma revisão integrativa. *Revista Tempus Actas de Saúde Coletiva*, v. 11, n. 1, p. 69-80, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18569/tempus.v11i1.1895>. Acesso em: 10 mai. 2024.

POMPEU, S.L.E., SOUZA, E.M.A. A discriminação homofóbica por meio do humor: Naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. *Revista Organizações & Sociedade*, v.26, n.9, p.645-664, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-9260912>. Acesso em: 10 abr. 2023.

QUEIROZ, A.B.A., *et al.* Transexualidade e demandas de saúde: representações de graduandos de Enfermagem. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v.44, e20220046, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2023.20220046.pt>. Acesso em: 14 dez. 2023.

REIS, T. *Manual de Comunicação LGBTI+*. 2. ed. Curitiba: NEAB/UFPR, 2018. Disponível em: <https://www.ibdsex.org.br/collection/manual-decomunicacao-lgbti/>. Acesso em: 25 ago. 2023.

ROCON, P.C., *et al.* Acesso à saúde pela população trans no brasil: nas entrelinhas da revisão integrativa. *Trabalho, Educação e Saúde*, v.18, n.1, p.1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00234>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ROSA, D.F., *et al.* Assistência de Enfermagem à população trans: gêneros na perspectiva da prática profissional. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.72, n.1, p.311-319, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0644>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SANTOS, J.S.; SILVA, R.N.; FERREIRA, M.A. Saúde da população LGBTI+ na Atenção Primária à Saúde e a inserção da Enfermagem. *Escola Anna Nery*, v.23, n.4, p.1-6, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2019-0162>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SANTOS, I. L. Igualdade, equidade e justiça na saúde à luz da bioética. *Revista Bioética*, v. 28, n. 2, p. 229–238, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-80422020282384>. Acesso em: 10 mai. 2024.

SILVA, A.M., *et al.* O olhar da enfermagem na assistência a pessoa trans. *Enfermagem Revista*, v.21, n.3, p.85-105, 2018. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/enfermagemrevista/article/view/19325/14332>. Acesso em: 13 abr. 2023.

SILVA, J.M.N.; RASERA, E. F. Gênero e sexualidade no currículo dos cursos de graduação em saúde coletiva. *Saúde e Sociedade*, v.33, n.1, e220037pt, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902024220037pt>. Acesso em: 10 mai. 2024.

SILVA, T.R.F., *et al.* Representações dos estudantes de enfermagem sobre sexualidade: entre estereótipos e tabus. *Trabalho, Educação e Saúde*, v.17, n.2, p.1-18, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00202>. Acesso em: 25 abr. 2023.

Recebido em: 07/02/2024

Aprovado em: 16/06/2024